

O professor-viado em sala de aula: cartas sobre o ofício de professor(a) de teatro na escola

*The teacher-queer in the classroom: letters about
the work of teacher of theater in school*

*El profesor-maricón en el clase: cartas sobre el
trabajo del docente de teatro en la escuela*

Túlio Fernandes Silveira

Universidade do Estado de Santa Catarina

E-mail: tulio.fs@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6747-1443>

Heloise Baurich Vidor

Universidade do Estado de Santa Catarina

E-mail: heloisebvidor@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4338-816X>

RESUMO:

Este texto ensaístico apresenta parte de uma pesquisa realizada acerca do tema do ofício do professor de teatro, focalizando o professor-viado em sala de aula. Trata-se de um recorte do trabalho de conclusão de curso do autor, orientado pela autora, materializando-se em um diálogo epistolar e pedagógico entre dois professores de teatro, um recém-formado e outro professor universitário, considerado inspirador no caminho de formação do autor. O formato epistolar, alinhado ao método cartográfico (MATTAR, 2017), ajudou a abrir espaço para pensar sobre o impacto da figura de um professor LGBTQIA+ à frente de processos artístico-pedagógicos em teatro na escola descolarizada contemporânea (MASSCHELEIN; SIMONS, 2021). Em diálogo com autores(as) como Freire (2019), Larrosa (2017, 2019), Louro (2003), Masschelein e Simons (2021), é refletido sobre essas temáticas e finaliza-se colocando outras questões urgentes a serem confrontadas, ampliando a discussão.

SILVEIRA, Túlio Fernandes; VIDOR, Heloise Baurich. O professor-viado em sala de aula: cartas sobre o ofício de professor(a) de teatro na escola.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41706>>

Palavras-chave: *Pedagogia das Artes Cênicas. Teatro na Educação. Escola. Professor LGBTQIA+. Diálogo epistolar.*

ABSTRACT:

This essay presents part of a research carried out on the theme of the role of the theater teacher, focusing on the teacher-queer in the classroom. This is an excerpt from the author's course conclusion work, guided by the authoress, materializing in an epistolary and pedagogical dialogue between two theater teachers, one recently graduated and the other university professor, considered inspiring in the author's training path. The epistolary format, aligned with the cartographic method (MATTAR, 2017), helped to open space for to think about the impact of the figure of an LGBTQIA+ teacher at the forefront of artistic-pedagogical processes in theater in the contemporary unschooled school (MASSCHELEIN; SIMONS, 2021). In dialogue with authors such as Freire (2019), Larrosa (2017, 2019), Louro (2003), Masschelein and Simons (2021), it reflects on these themes and ends by posing other urgent questions to be confronted, expanding the discussion.

Keywords: *Pedagogy of Performing Arts. Theater in Education. School. LGBTQIA+ teacher. Epistolary dialogue.*

RESUMEN:

El presente ensayo presenta parte de una investigación realizada sobre el tema del rol del profesor de teatro, con foco en el profesor-maricón en clase. Es un extracto investigativo del trabajo de conclusión de curso del autor, guiado por la autora, materializándose en un diálogo epistolar y pedagógico entre dos profesores de teatro, uno recién egresado y el otro profesor universitario, considerado inspirador en el camino formativo del autor. El formato epistolar, alineado con el método cartográfico (Mattar, 2017), ayudó a abrir espacios para reflexionar el impacto de la figura de un docente LGBTQIA+ al frente de los procesos artístico-pedagógicos en teatro y en la *escuela no escolarizada* contemporánea (MASSCHELEIN; SIMONS, 2021). En diálogo con autores como Freire (2019), Larrosa (2017, 2019), Louro (2003), Masschelein y Simons (2021), se reflexiona sobre estos temas terminando con el plantear de otras cuestiones urgentes de confrontación, ampliando la discusión.

Palavras clave: *Pedagogía de las Artes Escénicas. Teatro en la Educación. Escuela. Docente LGBTQIA+. Diálogo epistolar.*

Introdução

O Trabalho de Conclusão de Curso¹ *Navegações entre arte e docência: cartas sobre o ofício de professor(a) de teatro* (2022), defendido na Licenciatura em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), teve como principal objetivo refletir ensaísticamente sobre o ofício de professor(a) de teatro. Inspirado pelo professor espanhol Jorge Larrosa (2017), escolhi fazer um elogio ao(à) professor(a) de teatro, entendendo a palavra “elogio” no seu duplo sentido: de uma “escrita sobre uma tumba ou sobre uma imagem com a intenção de louvar ou elogiar o defunto” (LARROSA, 2017, p. 10), ou seja, ressaltando suas virtudes, mas também cantando o seu fim. Apropriiei-me desse pensamento para elogiar a figura do(a) professor(a) de teatro, sabendo que nossa profissão está sendo constantemente acusada, reprimida ou vista com descaso e desconfiança². Em relação ao ensino de Arte, a situação não ocorre de modo diferente, ao contrário, a disciplina é corriqueiramente colocada à prova e sua importância sendo diminuída, cabendo ao(à) professor(a) firmar, exaustivamente, a linguagem como área de conhecimento e lutar por uma permanência do teatro nos contextos educacionais, principalmente na instituição Escola.

Realizei, então, diálogos epistolares com professores(as) que me formaram para pensar a docência em teatro na escola, junto a referências de autores da educação. Quanto ao procedimento de investigação, executei uma ação poética de troca de cartas com três professores(as) de teatro que ministraram aulas durante meu processo de formação na educação básica e na educação superior e que julguei inspiradores em minha trajetória até então. Tinha como intuito dialogar por meio de cartas e posteriormente analisá-las, buscando vestígios sobre o tema da pesquisa: os modos e maneiras de ser professor(a) de teatro em sala de aula. Parafraseando Jorge Larrosa (2019), voltei-me para a seguinte pergunta: mas o que é isso de ser professor(a) de teatro?

SILVEIRA, Túlio Fernandes; VIDOR, Heloíse Baurich. **O professor-viado em sala de aula: cartas sobre o ofício de professor(a) de teatro na escola.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41706>>

Dentre as cartas trocadas, escolhi compartilhar aqui o diálogo que tive com o Professor-Viado³, em que emergiram discussões sobre pessoas dissidentes sexuais à frente de processos pedagógicos, entre outras questões que envolvem o ensino do teatro na escola.

As regras do jogo

Como o jogo da navegação funcionou: escrevi uma carta para três professores(as) de teatro escolhidos(as) para participarem desse processo investigativo, chamo-as de *Cartas Destinadas*. Para a entrega das epístolas utilizei algumas materialidades na troca de cartas, por exemplo: um mapa de bordo, que guiava os(as) destinatários(as) para as regras do jogo; nele havia também um áudio-guia que era acessado através de um QR-Code pelo(a) professor(a) contatado(a), que por sua vez propunha uma ambientação e condução para adentrar na atmosfera do trabalho; também a indicação de escuta de um livro de literatura – cada professor(a) recebeu um livro diferente que de alguma forma se conectava com as temáticas das cartas; a *Carta Destinada*, redigida a mão, que estava em um envelope e, por último, outro envelope e folhas que convidava eles e elas a uma resposta em carta. A imagem a seguir (Fig. 1) mostra as materialidades do pacote enviado:



Fig. 1. Envelope com as materialidades e a *Carta Destinada* ao Professor-Viado.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

Após a chegada das *Cartas Recebidas* – respostas dos(as) professores(as) às *Cartas Destinadas* escritas por mim –, os vestígios encontrados foram colocados em reflexão junto aos autores referenciais, (re)pensados agora em outras cartas, endereçadas de forma aberta a esses(as) professores(as) – intituladas de *Cartas Abertas*. Todas essas nove cartas⁴ foram transcritas digitalmente para a versão digital do TCC. Para a versão física do trabalho, inspirado na cartografia, criei uma caixa com um mapa de bordo e um amontoado de cartas, que funcionava como um jogo.

Ao entender essa investigação como um fluxo inventivo, o método cartográfico me inspirou para criar materialidades em um diário de bordo do processo – como um mapa de navegação – misturando assim cartas remetidas e recebidas, diagramas de fluxos, relatos de orientação, poesias, entre outros. Sumaya Mattar (2017) sintetiza que com a cartografia pode-se utilizar a junção de diferentes linguagens, ocupando um mesmo espaço. Nas palavras da autora: a cartografia “possibilita a representação de um tema, objeto ou fenômeno, a organização e o encadeamento de conceitos, a comunicação de pensamentos e o desenvolvimento da imaginação” (MATTAR, 2017, p. 3280). Desse modo, a intuição, o fazer inventivo e a característica de fluidez estiveram presentes na pesquisa por conta desse pensamento não linear, suscitado pela cartografia.

Convido agora você, pessoa leitora, a embarcar junto a nossa tripulação nesse jogo e navegar entre uma parte desse amontoado de cartas, para pensar sobre o ofício de professor(a) de teatro, sobre o professor(a) LGBTQIA+⁵, tendo como guia a pergunta-dispositivo⁶: mas o que é isso de ser professor(a) de teatro?

Carta Destinada ao Professor-Viado

Tubarão, 12 de fevereiro de 2022.

Querido XXXXXXXX⁷,

Escrevo-te em busca de estar mais perto, de agradecer um tanto e de rememorar alguns momentos. Escrevo-te para saber se por aí também venta como aqui. Nesse momento, estou sentado em um banco de madeira nas dunas da praia onde passei a infância. Onde fica a casa de praia dos meus avós paternos. Estou bem por aqui, só um pouco apreensivo com a reta final do

SILVEIRA, Túlio Fernandes; VIDOR, Heloíse Baurich. **O professor-viado em sala de aula: cartas sobre o ofício de professor(a) de teatro na escola.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41706>>

curso. Na praia, sozinho, te escrevo. Estou aqui tentando cavar alguns buracos na areia para (re)construir minhas memórias com o teatro e com a Educação, como aqueles castelinhos de areia que fazia quando criança.

E você? Como está por aí?

Sentindo o vento forte por aqui e a areia fina nas minhas pernas, lembro da indicação de “sentir o espaço”. Juro que da próxima vez que tivermos a oportunidade de criar o espaço da praia em sala de aula, tentarei sentir mais esse vento aqui, pra mostrar mais e contar menos! Desculpa XXXXXXX, desculpa Viola⁸.

Quando decidi mudar de curso e ir para teatro, minha primeira troca de e-mail foi com o chefe de departamento da época; algo sobre a documentação para a matrícula. Naquele tempo, dias depois, participei de um festival da universidade antes mesmo de ser calouro oficial e foi a primeira vez que te vi. A bolsa de lado, óculos arredondados, esperando na fila para assistir uma peça. Não sabia eu que depois daquele dia nossas histórias estariam se cruzando de forma tão especial.

O professor das minhas aulas favoritas, das aulas de Teatro na Educação. Aquele que não podia sentar no chão por razões de saúde e que depois me pediu para levá-lo ao médico: “Tu dirige? Vou ficar grogue preciso de alguém para dirigir!!!”⁹. E foi nesse dia que conversamos sobre nossas famílias e a relação delas com nossa sexualidade.

Ei, sabia que você foi meu primeiro professor assumidamente gay? Acabei de constatar esse fato.

Muito além dos conteúdos estudados ressalto a identificação que eu senti (e sinto) em ter você como professor. “Será que um dia eu posso ser assim, então?” – me perguntava. Não precisaria continuar diminuindo ou escondendo meu “excesso de extroversão” (no caso, meu excesso de viadagem) para ser professor?... Na época, não estava consciente do quanto esse fato – de você ser meu primeiro professor gay – foi tão importante na minha trajetória de formação e também pessoal.

Ao ter contato com o livro “Viva as unhas coloridas!”¹⁰ de Alicia Acosta e Luis Amavisca com ilustrações de Gusti percebo o quanto a escola pode ser esse lugar de opressão e, ao mesmo tempo, também pode ser esse lugar de acolhimento. Não a escola propriamente dita, claro, mas as pessoas que a constroem. De passo em passo, de livro em livro, de sala em sala, os professores, os estudantes, a comunidade escolar, a constroem. Lembro de você quando penso na metáfora do pintar as unhas, trazida no livro, me remete ao ser nós mesmos neste espaço, fazer o que gostamos, assim como João – e como isso pode ainda gerar consequências.

A aceitação dos pais, da professora e dos colegas ao longo do livro e o ato de também pintarem as unhas, como as de João, mostra a empatia pela diferença. Me pergunto: O que aconteceu atrás daquela porta da sala de aula para toda a turma pintar também as unhas? O que a professora propôs como dinâmica de ensino e aprendizagem?

É, era para a *igualdade* ser ponto de partida na escola, mas sinto que ainda temos passos longos para se caminhar na realidade. E nós, como professores, temos uma tarefa preciosa em nossas mãos.

Com isso, posso afirmar aqui que: ser você mesmo em sala de aula, XXXXXXX, me ajudou a ser mais eu. Obrigado por isso.

Coincidentemente ao realizar a primeira prática juntos no sistema socioeducativo, estando eu como bolsista do seu grupo de pesquisa¹¹, o que nos fez abalar as “estruturas” causando arrepios em alguns funcionários da instituição foi simplesmente o fato de ser gay. Você, como um ótimo professor e orientador, não mediu esforços para me parar na universidade e conversar sobre o porquê deveríamos pausar as aulas de teatro naquele momento¹². Eu, ainda afetado pelo acontecimento, não conseguia entender muito bem. Hoje percebo um ato seu de maestria como professor. Uma das minhas maiores lições que tive com você: não precisamos comprar todas as brigas e nem deveríamos (mesmo tendo essa vontade às vezes), há coisas maiores que isso. Neste caso, não ruir nosso trabalho dentro desses espaços. A minha experiência com o teatro em privação de liberdade me mostrou que nosso trabalho é lento, de passo em passo, de estratégia em estratégia. Assim, como o ato de construir uma escola que respeite e viva a diversidade.

Relembrei aqui no papel alguns momentos marcantes com o intuito de reviver de alguma forma essas memórias. Ao compartilhá-las com você pretendo aqui mais uma aula em diálogo, um espaço de troca a partir da escrita. Hoje me interessa saber mais sobre essas marcas que ficam em nós e que são deixadas pelos professores de teatro. Investigo neste momento os modos de ser professor.

Provoco você agora a pensar sobre o seu fazer professoral. Lanço alguns questionamentos como estímulo: Como você se vê professor? Como você se via professor? Quais os caminhos que você percorreu para construir o seu modo de ser professor de teatro? Quais memórias você tem de professoras e professores da sua trajetória que auxiliaram nessa construção do seu modo de fazer? Quais estratégias percebe que utiliza, que atravessa e marca seus estudantes? O que você percebe de extrema importância para o fazer do professor(a) de teatro?

Pretendo escutá-lo mais uma vez para continuar construindo meu caminho como professor, que ainda está no início. Te convido, agora, a redigir uma carta sobre os assuntos aqui mencionados. Lembre-se que as perguntas são somente estímulos, portanto sinta-se à vontade para escrever do seu modo.

Obrigado por me ensinar um tanto e me acolher um outro tanto.

Obrigado, XXXXXXXX.

Um beijo,

Túlio.

Carta Recebida do Professor-Viado¹³

Floripa, 07 de março de 2022.

Túlio, Amado,

Foi uma surpresa imensa e uma alegria receber sua carta-tarefa! Amei a proposta, adorei ver a leitura do livro e a imersão sonora, que nos convida a um mergulho, uma navegação, uma imersão.

SILVEIRA, Túlio Fernandes; VIDOR, Heloíse Baurich. **O professor-viado em sala de aula: cartas sobre o ofício de professor(a) de teatro na escola.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41706>>

Pensei muito se deveria fazer um rascunho dessa carta. Preferi não. Vamos aceitar o que acontecer, o fluxo dos pensamentos, os erros assumidos quando rabiscados em um papel.

Bom, lembranças de você e da sua turma eu tenho algumas... seja porque vocês presenciavam os momentos-XXXXXXX, seja por conta dos traumas pós-operatórios... eram vários momentos que não tinham como ser facilmente descartados... de você me recordo quando você me contou do seu curso anterior¹⁴, e eu imaginei de cara que não devia ter sido fácil encarar essa decisão, sobretudo perante a família. Isso me desperta admiração – as pessoas valorizam a obediência, mas eu tendo a apreciar a coragem!

Depois, a gente testemunhou a cena do fórum sobre LGBTfobia, na qual você pode atuar tão intensamente diante de sua mãe sobre um tema que te era tão profundamente caro! Foi um momento forte, seja pela questão que a Profa. Márcia enfrentava, seja por eu saber que havia essa tensão familiar envolvendo você ali¹⁵.

Desde cedo também você já havia sumido para si o papel central que a educação teria no seu futuro – e você soube aproveitar todas as oportunidades: a ida a Loja¹⁶, o PIBID, as bolsas de pesquisa e, vejo agora, também no seu TCC. É tudo muito admirável!

Lendo sua carta, acho interessante essa questão do professor-viado. Você, o XXXXX XXXXXXXXXX em seu TCC, o XXXXX XXXXXXXX, até o XXXXXXXXXX mencionam esse fato¹⁷. Estudando o Ética Bixa, de Paco Vidarte¹⁸, eu percebi o quanto viver nas sombras só contribui para piorar nossa própria condição. Esconder-se é tão homofóbico quanto tantas outras violências que enfrentamos – mas nem sempre é possível simplesmente ser quem se é. Portanto, se podemos, é um dever existir na nossa verdade!

A nossa presença ensina – e essa presença tem que ser verdadeira... existir sendo o que se é, ainda mais na “disciplina” que escolhemos ensinar...

Eu penso muito sobre “professoralidade”. Pra mim, a gente começa a se formar professor a partir das nossas próprias experiências com docentes inspiradores... Antes de qualquer aula de metodologia de ensino, didática, estágio... Eu tenho certeza que as origens estão nas nossas memórias afetuosas de professoras e professores que nos fizeram ir além, nos fizeram descobrir coisas difíceis, foram sensíveis e nos defenderam dos fracassos que a educação algumas vezes promove...

Mais especificamente na licenciatura em teatro, eu sinto que tive muita sorte: tive aula com a Malu Pupo, com Ingrid Koudela¹⁹... são pesquisadoras, mas que reinam na docência! Ao mesmo tempo, elas ministravam aula em um ambiente “controlado”, a universidade – por isso foi fundamental aprender vendo o Jorge Spínola²⁰ dando aula na prisão, minhas parceiras de Teatro Vocacional²¹, que arrasaram – porque explodiram qualquer metodologia pré-formatada – foi ali que eu descobri que o processo pedagógico ruma para um “resultado” teatral, e o processo pedagógico tem que ser artístico, – e aí pra eu ter certeza que “a encenação como prática pedagógica”²² é a forma que eu mais acredito de ensinar teatro! Porque se qualquer jogo, debate, dinâmica, leitura, improvisação tiver um objetivo explícito para o grupo de atuantes e esse objetivo é o próprio resultado cênico, não importa qual “estética”, então eu acredito que todos estarão compartilhando uma ética de grupo colaborativa, que excede qualquer aquisição de técnica e que amplia os sentidos do estar em cena.

Ao mesmo tempo, há que se dividir a atenção entre o objetivo coletivo e as dificuldades individuais, e aí reside o maior “equilíbrio” que devemos encontrar – não tem receita. E é um desafio, pois muitas vezes as turmas não fluem, há que se atender expectativas múltiplas, e isso pode resultar em frustrações doloridas.

Hoje, eu sinto que é muito importante cultivar essa “escuta”. Obviamente, sabemos que entramos em uma aula com um conteúdo próprio, objetivos a atingir... Mas temos que escutar, ver como esses temas repercutem na turma, saber que é preciso desapego em certos momentos – pelo menos até que todos se sintam contemplados e em sintonia com o objetivo comum. O comum, a ideia de comunidade... uma turma de escola é uma comunidade. Por isso eu detesto essa divisão da UDESC entre “escola” e “comunidade”²³ – faz parecer que conteúdos como arte e política, pertencimento ao coletivo e vínculo com o território não deveriam estar na escola...

Por último, eu acredito na paixão pelo próprio teatro, pela própria ida aos espetáculos, pelo fato de ensinarmos algo que nos move tanto – sabe, o povo fala que arte é inútil – mas o quanto nos mobilizamos e amamos aquilo tudo – só isso prova que não é nada inútil. E acredito em professores apaixonados.

Meu bem, é isso.

Aguardo ansioso nossa conversa presencial.

XXXXXXXXXXXXXXXXXX.

Carta Aberta ao Professor-Viado

Tubarão, junho de 2022.

Querido Professor-Viado,

Você foi o primeiro professor que tive contato na Licenciatura em Teatro, que me acolheu, que me identifiquei, que me impulsionou na Pedagogia do Teatro. E, curiosamente, foi o primeiro professor a responder a carta. Lembro que, ao lê-la, fiquei empolgado e feliz com suas palavras, senti no meu corpo que era isso! Sabe? Que os caminhos que escolhi trilhar com coragem, como você menciona, me transformam, me pegam de surpresa e me fazem querer mais e mais.

Bem, primeiramente, agradeço pelo compartilhamento de algumas ideias e memórias redigidas no papel. A partir das perguntas que fiz a você sobre os modos de ser professor(a), sua resposta em carta me faz querer refletir sobre um aspecto principal: a questão de ser LGBTQIA+ e professor de teatro atuante em sala de aula. Apesar da sua carta trazer outros temas, tais como: a importância da criação de uma comunidade na aula de teatro e a questão da encenação como prática pedagógica; eu optei em refletir sobre o primeiro tópico mencionado. Isso porque é o tema principal de identificação com você, é um assunto que me toca atualmente e perpassa minha vivência e prática pedagógica e de outros(as) tantos(as) professore(as). Peço licença, agora, para pensarmos um pouco sobre essa questão juntos.

Primeiramente, faço coro com sua escrita quando afirmas que nos esconder pode ser tão LGBT-fóbico quanto ser imparcial e se ausentar dessas questões sociais. Claro que, em muitos contextos, ser quem se é pode gerar riscos, inseguranças, violências. Mas se podemos, precisamos nos posicionar. É nesse sentido que nos assumir é importantíssimo, como mostra o livro de Vidarte (2019). Por isso eu, viado, professor e pesquisador, me coloco em sala de aula dessa forma, como professor assumidamente gay. Isso não deve – ou não deveria – influenciar negativamente nossa prática; sermos diminuídos e/ou menosprezados por sermos quem somos. Entretanto, vemos que no contexto social atual de nosso país²⁴, isso se torna um constante perigo. Mesmo assim, sempre que posso e preciso, me posiciono. Penso que, antes de me tornar professor, antes de começar a pesquisar e pensar o mundo da educação e do teatro, sou viado. Na escola me entendi viado, na escola me escondi viado. Na escola beijei pela primeira vez, na escola fui ridicularizado por ser homossexual. Qual a parcela de culpa da escola nas nossas vivências de infância?

A escola se constrói pelas pessoas da escola, pelas pessoas que fazem a escola, o escolar²⁵ se faz na prática! Se os adultos da escola propõem – ou deveriam propor – a feitura da escola, qual a parcela de responsabilidade desses adultos? Será que estão se importando com as questões de gênero e sexualidade no espaço escolar? Será que estão se importando com os corpos LGBTQIA+ que também estão na escola? Como propor assuntos que se conectam com essa parte do mundo? Como propor, didaticamente, e incentivar as crianças a não reproduzir tais preconceitos? Como fazer isso se essas crianças e esses jovens vivem diariamente junto a contextos familiares que, muitas vezes, reproduzem esses preconceitos? Como fazer isso se as famílias (e a sociedade em si) pressupõem como crianças e jovens devem se portar, o que devem ser e os caminhos que devem seguir?

Nesse sentido, preciso evidenciar certo ponto que passo a entender melhor a partir das leituras aqui escolhidas e com as quais relaciono à temática exposta. Ao pensar se existe uma parcela de culpa da escola sobre essas questões, me questiono que escola é essa que estou citando. Conectome à visão dos autores Masschelein e Simons (2021) para pensar as escolas, como elas se configuram hoje. Trago a visão dos autores para a escola contemporânea, a qual utilizam o termo: *escola desescolarizada*²⁶. Para os autores, existem versões domadas da escola, como por exemplo, a escola que se parece uma extensão da família ou a escola meritocrática. Afirmam que o que temos hoje

SILVEIRA, Túlio Fernandes; VIDOR, Heloíse Baurich. **O professor-viado em sala de aula: cartas sobre o ofício de professor(a) de teatro na escola.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41706>>

como escola, mesmo que parcialmente, é uma *escola desescolarizada*, no caso, uma escola que se afasta da noção de *tempo livre*, que está perdendo seu sentido de *escolar*. Para os autores, o que realmente significa estar dentro da escola é a noção de “tempo-feito-livre”²⁷, em que se proporciona um tempo não produtivo, um tempo de atenção a matéria de estudo e, conseqüentemente, ao mundo. Esse tempo é concebido, é preciso construí-lo, para assim, se construir escola.

Em decorrência dessa possibilidade de *tempo livre* que os envolvidos vivenciam (ou deveriam vivenciar), há uma contribuição para se transcender as ordens sociais e as posições desiguais – a desigualdade social. É importante ressaltar aqui que os autores se calcam na invenção política da escola da polis grega, na qual gerou a perda de privilégios das elites e dos militares na Grécia Antiga. Com a criação da escola, os marcadores sociais não mais ditavam quem tinha acesso ou não ao conhecimento. Nas palavras dos autores: “A escola grega tornou inoperante a conexão arcaica que liga os marcadores pessoais (raça, natureza, origem, etc.) à lista de ocupações correspondentes aceitáveis”²⁸. O mais importante, para os autores, é que a escola causava a “suspensão de uma chamada ordem desigual natural”²⁹, sendo assim, as características sociais que marcavam as pessoas ao nascer, a posição social, não influenciavam mais no direito legítimo de ter acesso ao *tempo livre*. Por isso, esse tempo pode ser chamado também de tempo igualitário, o *escolar* é responsável por uma democratização do tempo, um tempo legítimo para toda e qualquer pessoa.

Trago essas questões para pensarmos um paralelo com os dias atuais, em que os marcadores sociais de raça, gênero e classe são extremamente importantes para legitimar e defender categorias que fazemos parte e que, muitas vezes, ainda são minimizadas e violentadas. Por isso, quero evidenciar que não venho acusar a escola de acentuar as desigualdades sociais existentes em nosso mundo. Essa alegação, muito comum, deturpa o conceito de *escolar*, como os próprios autores afirmam em seu livro. Isso se enquadra em mais um jeito de domar a escola, de torná-la a favor de algumas pessoas e ideologias. Essa escola, presente nessa afirmação equivocada, não é a escola que proporciona *tempo livre*, é outra coisa e não a escola. Já que a *escola escolarizada* seria aquela capaz de proporcionar a democratização do *tempo livre*, além de pressupostos como a *igualdade* – um de seus princípios básicos – e que mesmo em sua vulnerabilidade, tem capacidade de renovação em si mesma. A escola no seu sentido *escolar* seria um espaço de formação, em que o indivíduo estudante é convidado a experimentar formas, a dar forma ao mundo, a se formar.

Nesse sentido, relaciono essas questões com Freire (2019) quando afirma que para ensinar é necessário rejeitar qualquer forma de discriminação, isso porque “a prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia”³⁰. Essa prática preconceituosa evidencia a desigualdade social que é um fenômeno social em que se diferencia os indivíduos, havendo distinção entre grupos, em que uns são favorecidos e outros prejudicados. Essas vantagens podem se materializar de forma econômica ou sob outras formas, em relação ao gênero, a raça, entre outras. Então, ao colocar essa questão em perspectiva, percebemos que para se construir escola, seria necessário tornar inoperante a desigualdade social fruto de uma sociedade racista e preconceituosa que faz com que algumas pessoas sejam menosprezadas. Somente assim, todos e todas teriam acesso a um verdadeiro tempo igualitário na escola, podendo focar sua atenção na matéria de estudo. Os autores entendem que há diferenças entre os estudantes (sexo, religião, antecedentes), mas também afirmam que “na sala de aula, por se concentrarem no que é oferecido, essas diferenças são (temporariamente) suspensas e uma comunidade é formada com base em uma participação conjunta”³¹. Para os autores, a escola se faz quando se coloca em prática noções como as de *suspensão*, *profanação*, *igualdade*, entre outras.

Para continuar a refletir sobre as questões que surgem, relembro o livro que utilizei de estímulo para sua escrita. *Viva as unhas coloridas!* (2020) narra, em resumo, a história do personagem João – provavelmente um estudante do Ensino Fundamental – que ama o simples ato de pintar as unhas, bem coloridas para combinar com sua alegria. Entretanto, quando vai a escola com elas pintadas é violentado verbalmente por outros estudantes com ofensas sobre sua possível identidade de gênero e sexualidade. Quando volta para a casa, seus pais o acolhem, pintam também as próprias unhas e levam o filho para o espaço escolar. As violências verbais, por outros estudantes, continuam. Ao fim do livro, em seu aniversário, João entra na sala e se surpreende: a turma toda e a professora estão com as unhas pintadas. Consta no livro que a história é inspirada em fatos reais.

O fato que o livro narra pode ser analisado de diversas formas, podemos discutir aqui o conceito de expressão de gênero³² e outras ideias deturpadas sobre gênero e sexualidade a partir do simples ato de um menino pintar as unhas. Mas o meu foco de interesse para pensarmos é a relação dessas questões com a figura do(a) professor(a) e com a instituição escolar. Sabemos o quanto essa história não é um fato isolado, não é mesmo? Pelo contrário, situações assim acontecem corriquei-

SILVEIRA, Túlio Fernandes; VIDOR, Heloíse Baurich. **O professor-viado em sala de aula: cartas sobre o ofício de professor(a) de teatro na escola.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41706>>

ramente na *escola desescolarizada*. Essa pequena performance corporal – menino pintando as unhas – causou (e causa) um problema nas regras sociais, dentro do universo do livro, e também pode(ria) causar diversas questões na realidade escolar. Assim como essa, tantas outras histórias/fatos/depoimentos parecidos poderiam ser contados aqui, das nossas infâncias dissidentes na escola. Tenho certeza que você também teria um acontecimento marcante sobre algo que envolva sua viagem na escola e as possíveis consequências de expressá-la.

Como mencionado na primeira carta que remeti a você, me perguntava: O que será que aconteceu na sala de aula, antes de João chegar, para que toda a turma pintasse também as unhas? O que a professora propôs como atividade? Perguntas que nos levam a um pensamento metodológico, de como propor essas questões na sala de aula de teatro. Entretanto, me parece ainda mais inquietante se questionar: E se fosse um(a) professor(a) assumidamente LGBTQIA+ à frente deste processo pedagógico, o que causa(ria)?

Você afirma que é interessante se pensar, atualmente, sobre isso de ser um professor-viado³³ e que esse questionamento perpassa também outros estudantes pesquisadores, com os quais você teve contato de alguma forma no seu percurso docente. Perguntas me instigam a pensar sobre um possível modo de ser professor(a). Questiono: Qual o impacto de ser um professor-viado na sala de aula de teatro? Ao assumir-se um professor-viado, como isso impacta o ambiente *escolar* a partir dos modos de ser professor?

Coloco essas questões para guiar meus pensamentos sobre uma pessoa que foi uma criança LGBTQIA+ na escola e que, agora, volta como professor para esse mesmo espaço. Precisamos, então, construir o cenário anterior à chegada de um professor assumidamente LGBTQIA+ na *escola desescolarizada*. Lembrando que não somos capazes e nem queremos generalizar as vivências; o que quero é evidenciar alguns pontos que temos em comum como professores-viados e que também podem conectar com histórias e experiências de outras pessoas.

Na nossa sociedade, desde cedo, uma criança LGBTQIA+ apreende que ela não pertence ao que foi imposto como normalidade. Filmes, novelas, conversas no dia a dia, exemplos na família, ideais de futuro, entre outros, moldam a subjetividade de crianças e jovens, ensinando, por um discurso que se diz neutro, a ideologia esperada de uma sociedade “de bem”. Impõem um padrão de corpo de

SILVEIRA, Túlio Fernandes; VIDOR, Heloíse Baurich. **O professor-viado em sala de aula: cartas sobre o ofício de professor(a) de teatro na escola.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41706>>

homem e de mulher, heterossexuais e cisgêneros³⁴, estabelecendo quais os símbolos são ditos masculinos ou femininos, quais as normas que devem ser cumpridas por cada um dos corpos. Tudo que não segue essa norma é visto como erro, como fora da normalidade, não merecendo aceitação (ou até mesmo não merecendo o direito à vida). Esses corpos são excluídos, silenciados, violentados (verbalmente, psicologicamente, fisicamente) e usurpados de seus direitos. Vivemos em uma sociedade estruturalmente LGBTfóbica e, na maioria das vezes, a *escola desescolarizada* reproduz tais discursos e violências. Não a escola, quem a constrói – insisto nesse ponto.

Portanto, um(a) professor(a) LGBTQIA+ que cresceu em uma sociedade assim, que passou pelo período escolar, que reproduziu também preconceitos ensinados e que posteriormente se formou professor(a), ao adentrar à escola novamente precisará ter passado, em algum momento de sua trajetória, por um processo de reconstrução de si e de autoafirmação, ou então, continuará reproduzindo o silenciamento desses corpos e de seu próprio corpo.

Esse(a) jovem que passa a se reconhecer para posteriormente adentrar às salas de aula de Arte/ Teatro de uma escola é meu foco de interesse aqui, esse(a) professor(a) de teatro LGBTQIA+. Nós nos reconhecemos nesse jovem, não é mesmo? Me pergunto: É possível não sermos nós mesmos? É necessário continuar seguindo aquelas normas de quando éramos estudantes? É preciso continuar perpetuando o silenciamento de nossos próprios corpos? Para quem e a serviço de quem isso é necessário? Se anteriormente fomos ensinados(as) determinadas regras por alguns professores(as), pela coordenação da escola e/ou pela comunidade escolar (pessoas que perpetuaram discursos e ações que excluíam nossos corpos do espaço escolar), hoje, estando à frente desse espaço de ensino como, por que e se é possível propor outros modos de ensinar? Quais nossas maneiras de fazer escola, de fazer teatro?

É importante ressaltar que outros(as) professores(as), diferentes dos citados acima, nos acolhem, nos incentivam; como você mesmo evidencia na sua carta: nos salvam de alguns fracassos que podem acontecer na Educação. A meu ver, você sendo um professor-viado assumido é um exemplo disso, me inspirou a ser eu mesmo em sala de aula. Uma questão de identificação. Como mencionei na primeira carta remetida a você, o acontecimento na instituição socioeducativa em que você era coordenador do projeto me mostrou um momento de acolhimento de você como professor em

SILVEIRA, Túlio Fernandes; VIDOR, Heloíse Baurich. **O professor-viado em sala de aula: cartas sobre o ofício de professor(a) de teatro na escola.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41706>>

relação a mim como estudante e, talvez, de identificação de você com minha figura jovem e gay, iniciando na docência. Eu, jovem estudante que, por minha sexualidade, fui menosprezado em ambiente de trabalho³⁵.

É fato que não é possível arrancar nossas humanidades, nossas subjetividades e nossas sexualidades de nossos corpos, para assim seguir um padrão normativo de professor para se atuar na escola. Até porque, como bem lembra Guacira Louro (2003), pesquisadora das questões de gênero e sexualidade na área da Educação, “a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se ‘despir’”³⁶. A passabilidade, a capacidade de uma pessoa ser considerada membro de um grupo ou categoria identitária diferente da sua, pode até ser uma saída que algumas pessoas LGBTQIA+ utilizam como estratégia de sobrevivência na *escola desescolarizada*. Muitas vezes, como já mencionado, dependendo do contexto em que estamos inseridos, a melhor opção é nos esconder. Só que a passabilidade só é possível para alguns corpos, só algumas pessoas podem se passar por heterossexuais e “entrar” na norma social. E os demais corpos, que não possuem a capacidade de se “esconder” aos olhos de uma sociedade LGBTfóbica? Por isso repito: Qual o impacto desse corpo dissidente à frente de uma sala de aula de teatro em meio a uma *escola desescolarizada*?

Sermos nós mesmos, neste espaço vigiado por muitos olhares – direção escolar, outros professores(as), pais e familiares, estudantes, coordenação – não é tão fácil. Existir na nossa verdade – utilizando suas palavras –, do jeito que nossos corpos caminham, se expressam, sentem, causa um desconforto na sociedade e, conseqüentemente, na instituição Escola. Isso faz com que muitos de nós, professores(as) LGBTQIA+, vivamos em constante alerta, com medo de sermos simplesmente nós mesmos neste espaço ou de sofrer conseqüências pelas atividades e temas que julgamos importantes e selecionamos para estudo. Isso porque, como Louro afirma, “a vigilância em relação à sexualidade não se restringe às alunas, nem mesmo apenas aos alunos, mas a todas as pessoas (inclusive aos adultos) que convivem na escola”³⁷. Isso evidencia a observação constante que nossos corpos sofrem na Escola – e também fora dela, não é?

Os medos e as inseguranças de um professor LGBTQIA+ na *escola desescolarizada* se tornaram ainda mais alarmantes nos últimos anos. No ano eleitoral de 2018, uma onda de ascensão da extrema direita, junto de uma idolatria a ideais nazifascistas, a “venda” de uma ideia única e central

SILVEIRA, Túlio Fernandes; VIDOR, Heloíse Baurich. O professor-viado em sala de aula: cartas sobre o ofício de professor(a) de teatro na escola.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41706>>

de família (heterossexual, cisgênera, branca, de classe média), o compartilhamento de *fake news*, a distorção de fatos científicos; fez com que se instaurasse um contexto ainda mais repressivo à população LGBTQIA+. Foi nessa época que o termo “ideologia de gênero”³⁸ foi inventado pela extrema direita, com ideias equivocadas sobre gênero e sexualidade e o termo “kit gay”³⁹. Ambos evidenciam mais acusações à escola pública, formas de domar a escola e a parcela de educadores que realmente estão engajados(as) em construí-la.

Como bem sabemos, a disciplina de Arte na escola já é vista com preconceito e menosprezada por muitas pessoas, como você mesmo evidencia na sua carta: ela é vista como inútil. A disciplina de Arte é considerada menos importante que as outras disciplinas, provavelmente, por não ter um valor útil no mercado, por não transformar jovens em “grandes empreendedores”. De forma contraditória, é vista também com uma sensação de medo, principalmente por conta das possibilidades que a Arte cria neste ambiente, ela é capaz de propiciar espaço para refletir e criticar questões do mundo. Nesse sentido, ela é bem útil, certo? Então, o(a) professor(a) de Arte (e ainda mais o de Teatro) vive um constante alerta por conta da própria matéria que ministra e quando se é um docente LGBTQIA+ ou negro, por exemplo, esse alerta aumenta. E, quando se pretende trabalhar questões de raça, gênero e sexualidade em sala de aula, nem se fala.

Foi nesse cenário de inseguranças frente às nossas vivências que adentrei pela primeira vez na Educação Básica como professor temporário de Arte/Teatro. De início, na sala de aula, os estudantes tinham curiosidade sobre minha sexualidade, me perguntavam e eu prontamente afirmava ser gay, com convicção. Isso causava uma grande identificação entre vários dos e das estudantes. Na Educação Fundamental – Anos Iniciais, por exemplo, duas alunas do Quinto Ano me apresentaram com duas bandeirinhas LGBT que elas próprias tinham feito em papel. O momento me fez refletir que, ao mesmo tempo em que vivemos uma onda de repressão a nossa comunidade, por outro lado, as discussões sobre essas questões estão chegando na escola e me parecem ser uma necessidade dos(as) próprios(as) estudantes. Eles e elas querem falar sobre suas próprias vivências na Escola. Nas turmas que lecionei no Ensino Médio, bem como nas turmas de uma instituição de acolhimento a crianças e jovens, o fato se repetiu, havia alguns e algumas estudantes curiosos(as) sobre minha orientação sexual e prontos(as) para também afirmarem as suas com um sorriso no rosto. Eu que vivi escondido na escola para seguir um padrão de normatividade, hoje estava alegre

SILVEIRA, Túlio Fernandes; VIDOR, Heloíse Baurich. **O professor-viado em sala de aula: cartas sobre o ofício de professor(a) de teatro na escola.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41706>>

por ver alguns dos e das estudantes encontrando frestas para existirem. Em outros momentos precisei me posicionar, enquanto professor, frente a repercussão de preconceitos em sala, por exemplo quando utilizavam a palavra “viado” como xingamento. Situações que acontecem fora dos muros da escola e são repercutidas dentro da *escola desescolarizada*.

Com este relato, questiono: Se a escola é (ou era pra ser) este ambiente de atenção igualitária, de convívio e respeito ao mundo, o que faz com que a escola esteja se desescolarizando?

Trago então o conceito de *suspensão*, uma das características do escolar. Segundo os autores Maschelein e Simons (2021), para se construir escola seria necessário suspender os antecedentes familiares, o que a família idealiza para as crianças e os jovens, o que o governo e as autoridades querem com esses jovens, criando-se assim um espaço para se desligar do passado e do futuro e vivenciar o presente. A *suspensão* seria a possibilidade dos estudantes de serem simplesmente estudantes, estarem em um processo de formação. Inclusive, podemos ler essa formação como a construção de identidade e, assim, a escola pode e deve contribuir com esse processo. O(a) professor(a) é encarregado de permitir, no dia a dia, que as crianças e os jovens possam refletir sobre si mesmos e exercer o direito de serem o que são. Por isso fazer com que aconteça uma *suspensão* dos antecedentes (o que a família ou a sociedade define os recém-chegados), tornando-os inoperantes, é essencial. Nas palavras dos autores: “A escola oferece ‘tempo livre’ e transforma o conhecimento e as habilidades em ‘bens comuns’, e, portanto, tem o *potencial* para dar a todos, independentemente de antecedentes, talento natural ou aptidão, o tempo e o espaço para sair de seu ambiente conhecido, para se superar e renovar (e, portanto, mudar de forma imprevisível) o mundo”⁴⁰. Nesse sentido, trazer conteúdos e temas como os de gênero e sexualidade para o espaço escolar é imprescindível para essa renovação da escola e do mundo. Tornar os temas de gênero e sexualidade em bens comuns, no caso, transformá-los em matéria de estudo, abre espaço para repensar questões e problemas sociais, colocando visões preconceituosas em xeque. A ação de torná-los um bem comum, de colocar em jogo algum assunto ou matéria, é nomeada pelos autores como *profanação*, outro fundamento do escolar. Profanar consiste em retirar os assuntos e temas do mundo cotidiano, de suas funções produtivas e torná-los públicos. Essa reapropriação das coisas do mundo para o *tempo livre* vivenciado na escola é materializado no jogo do estudo, que possui um fim em si mesmo e não um fim produtivo, no qual pode ser repetidamente reestruturado, reapropriado.

O fato é que, se não podemos viver uma utopia de escola – por conta do caos político e social que vivemos e que acentua a desescolarização da escola que não é de hoje –, igualitária, libertária e comum a todos e todas (para todos os corpos), precisamos (re)construí-la lentamente, repetidas vezes, pela nossa prática pedagógica cotidiana. Os(as) professores(as), como amantes da escola, do mundo e de sua matéria de estudo, têm uma tarefa, a meu ver, importantíssima: trazer o sentido de *igualdade* como ponto de partida. O que quero dizer aqui é o que os autores Masschelein e Simons (2021) afirmam a partir do pensamento de Rancière (1991): que todos(as), independente de qualquer coisa, são capazes de começar. Esse pensamento do “ser capaz” deve ser instaurado na sala de aula de teatro como uma regra de jogo, de convivência. Isso faz com que o(a) professor(a) tenha possibilidades de propor atividades pedagógicas coletivas que não menosprezem ou diminuam algum(a) estudante por qualquer questão que seja. A aula de teatro pra mim é um espaço frutífero para a *igualdade* se materializar. Os(as) professores(as) de teatro podem ser vistos(as) como artistas da mediação, que através do lúdico – ao mesmo tempo que propõem caminhos para o mundo ser estudado, experienciando-o pelo corpo poético, pelas dinâmicas teatrais – incentivam a capacidade dos e das estudantes de criar e recriar, de transformar o que é velho no mundo, dando novos sentidos e visões. Isso porque, na aula de teatro, as dinâmicas intensificam a presença das subjetividades dos e das estudantes, já que se experimenta o corpo em ação e, com isso, possibilita que a diferença apareça de forma mais nítida, desestabilizando padrões, de modo que se abra um campo de transformações possíveis.

Nesse sentido, o racismo e a LGBTfobia já passaram a ser coisas velhas no nosso mundo, certo? Enquadrados desde 2019 como crime, a LGBTfobia passa a ser criminalizada. Claro que esses preconceitos são estruturais e, por isso mesmo, a escola tem um grande trabalho de conscientização e deve abrir espaço para estudar tais problemas sociais, podendo atravessar diversas matérias de estudo. Já que essas questões são parte do mundo, sendo o mundo feito pelas pessoas e a escola construída também por elas.

Portanto, colocar a culpa na escola seria tirar a responsabilidade de todas as pessoas adultas que vivem nela, que a constroem. Ao afirmar que a escola é responsável por questões tão problemáticas, tira-se a responsabilidade social dos(as) envolvidos(as) e materializa-se em uma instituição que não existe sem as mãos (e corpos) desses mesmos(as) envolvidos(as). Se as pessoas que cons-

troem a escola silenciam, neutralizam, amenizam, violam certos corpos e perpetuam preconceitos, essas pessoas estão desescolarizando ainda mais a própria escola, estão desconstruindo o sentido do escolar. Isso porque, estão tornando operante a desigualdade social e os marcadores sociais – de forma deturpada – dentro do espaço escolar, que deveriam, como penso aqui, ser colocados em *suspensão*. E, através da ação de profanar, deveriam ser transformados em bens comuns, como assunto de estudo das diversas matérias, aprofundando visões iniciais sobre essas questões, se apropriando desses temas para, assim, desconstruir preconceitos instaurados. Nesse sentido, a *suspensão* e a *profanação* abrem caminhos para as crianças e os jovens, que muitas vezes perpetuam preconceitos vindos do ambiente familiar e da sociedade em si, serem capazes de reverem seus olhares através do estudo, exercitando ações no dia a dia e, então, renovando seus atos como seres humanos, contribuindo para uma construção social mais respeitosa. E quem sabe até levarem aprendizados para a família, ambiente que instaura antecedentes muitas vezes preconceituosos.

Nessa linha de pensamento, podemos passar a refletir um pouco mais sobre o conceito de igualdade. Faço coro com os autores Masschelein e Simons (2021) quando afirmam que a escola é um espaço legítimo para a *igualdade* – outro fundamento do *escolar* –, a *igualdade* como ponto de partida para o estudo, para o espaço de possibilidades que a escola propõe. Essa *igualdade* pedagógica que a escola traz é evidenciada por eles em um dos artigos do livro *Elogio da Escola* (2017). Para eles, esse conceito pode ser entendido de duas maneiras: 1) Que todos são capazes de começar, de vivenciar as possibilidades de estudo e de exercitá-las repetidas vezes e 2) que existem assuntos e matérias comuns para os e as estudantes e que através deles o mundo pode ser renovado. Colocar esses conceitos em perspectiva com a questão que reflito aqui junto a você me faz pensar sobre como propor essa *igualdade* em meio aos preconceitos vivenciados por estudantes e professores LGBTQIA+ na *escola desescolarizada*. Como nos aproximar da *igualdade* dentro de uma sociedade que reproduz as desigualdades? Sendo as questões e preconceitos de raça, classe, gênero e sexualidade marcadores da desigualdade social no Brasil, como construir escola sendo um professor LGBTQIA+ que atua na *escola desescolarizada* atual?

Sem procurar respostas diretas e superficiais, penso que é importante que nós, professores(as), repensemos sempre essa questão e, para que se concretize, precisamos estar atentos às renovações do nosso mundo, aos temas que se tornam essenciais para a formação do sujeito, nos conectando

eticamente com os direitos humanos, nos desconstruindo de preconceitos instaurados, de visões antigas que não fazem mais sentido. Como nós, professores(as) de teatro, estamos assegurando que os temas e assuntos sociais se infiltrem na matéria de estudo que ministramos? O quanto estamos nos responsabilizando pelo não silenciamento de corpos dentro da *escola desescolarizada*? De quais maneiras estamos renovando nossas formas de fazer escola, de fazer teatro e de formar estudantes que percebam e se responsabilizem por tais questões sociais?

É nesse sentido que, ao pensar nas questões de gênero e sexualidade na escola, dos corpos dissidentes que também são responsáveis por fazer escola, percebo a necessidade de renovação da *escola desescolarizada*, a necessidade de nos aproximarmos do escolar, para que assim nos aproximemos do tempo de *suspensão*, de *profanação* e de *igualdade*. O(a) professor(a), sendo estes LGBTQIA+ ou não, possuem o dever de colocar essas questões em jogo e proporcionar interesse e atenção nestes assuntos, não aceitando as primeiras respostas que recebemos, mas confrontando essas primeiras visões com outras, para que assim sejam destruídos preconceitos por parte do grupo. Uma questão de tempo, de repetição, de aprofundamento, de atenção. O professor de teatro tem a responsabilidade de colocar esses assuntos em pauta, trazê-los para debate a partir da cena, a partir do corpo, da ação diária de construir escola.

Na aula de teatro, portanto, para construir essa escola que menciono, podemos partir de diferentes abordagens na nossa matéria de estudo. Esses assuntos podem vir à tona em uma prática com Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Pode-se trabalhar essas questões também pela performance, como experimentei com turmas do Ensino Médio, em que os estudantes criaram performances imaginárias⁴¹. Ou também, pode ser experimentado como tema de um pré-texto da metodologia do Drama, criando-se uma narrativa coletiva que reflita sobre essas questões junto aos estudantes. Na verdade, como bem sabes, o teatro possui diversas dinâmicas e metodologias que nos dão abertura para trabalhar esses temas e tantas outras formas que podem ser reinventadas a partir de referências já existentes; o que demanda do(a) professor(a) selecionar as maneiras de fazer que mais fazem sentido para seu contexto de atuação docente. Esses temas são corriqueiramente atravessados em nosso fazer teatral na escola, já que o teatro proporciona esse trabalho com o corpo, o

seu próprio e o do outro, o trabalho com o olhar mais atento e com as subjetividades dos(as) estudantes. Por isso, acredito que devemos estar preparados, de alguma forma, para mediar conflitos e colocar esses assuntos de forma pedagógica.

Em outro artigo presente no livro *Elogio da Escola* (2017), os autores Masschelein e Simons afirmam que “a escola se opõe a toda reivindicação de naturalização ou sacralização e a todos os movimentos de conservadorismo e restauração associados a essas reivindicações. É nesse sentido que a escola está realmente afetando a sociedade e é sempre intrinsecamente ‘política’⁴². Nesse sentido, vemos que a escola, em seu sentido escolar, preconiza sua própria renovação, indo na contramão de ideias conservadoras, o que nos leva a entender que as questões sociais como a LGBTfobia e o racismo são assuntos necessários a serem colocados em estudo, para que os indivíduos tomem consciência dos diversos problemas sociais e entendam que são dinâmicas estruturais de nossa sociedade – sendo uma luta social de todos(as). Fazendo-se isso, a meu ver, materializa-se a renovação da escola, mesmo que de forma pontual e lenta, fato que se relaciona com a intervenção política proposta por essa instituição, como os autores afirmam. A forma escolar, da *escola escolarizada*, é construída diariamente por seres humanos conscientes de seu poder político que é concretizado a partir da responsabilidade pedagógica e de suas ações em sala de aula.

Ao pensar sobre essas questões acredito que é possível constatar essa forma de ser com um modo de ser professor(a), essa possível maneira de se fazer escola, o que passa também a ser um posicionamento político no microcosmo da escola, já que ao nos entendermos com nossa verdade, com quem a gente é, estamos inspirando, de alguma forma, as pessoas que também fazem escola, tanto crianças como adultos (causando identificação) ou estamos indo contra a norma e trazendo nossas existências e vivências dissidentes à luz (causando desconforto). O(a) estudante que antigamente precisou se esconder pelos seus marcadores sociais, hoje entra em sala de aula afirmando quem é e propondo uma educação interligada com os pressupostos do escolar.

Entretanto seriam essas questões somente de responsabilidade do professor LGBTQIA+ na escola? Somente dos(as) professores(as) de teatro? Acredito que não. Por ser um problema social, a LGBTfobia e o racismo necessitam ser trabalhados em sala de aula por qualquer professor(a), em qualquer disciplina, mediante qualquer área de conhecimento a partir de seus próprios conteúdos. Para se pensar essa renovação da escola, que está intrinsecamente ligada à renovação do mundo pelas

SILVEIRA, Túlio Fernandes; VIDOR, Heloíse Baurich. **O professor-viado em sala de aula: cartas sobre o ofício de professor(a) de teatro na escola.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41706>>

crianças e pelos jovens, é necessário um trabalho de base que aconteça desde os primeiros anos escolares, que os assuntos colocados em jogo falem sobre os sujeitos, aos quais estão se formando, dando forma a si e ao mundo. Já que “É com a educação escolar que uma sociedade se torna de um modo particular consciente de si mesma. Uma sociedade que permite a forma escolar pensa – ou é provocada a pensar – de um modo diferente sobre si mesma”⁴³. Dessa forma acredito que a escola vai, aos poucos, se escolarizando, sendo construída pelos(as) professores(as), marcando sua intervenção política através da renovação de si mesma.

Finalizo esse diálogo epistolar com você por aqui, mas sigo com o desejo de pensar ainda mais sobre nossas vivências LGBTQIA+ infiltradas na escola. Acho que essa é uma maneira de contribuir para que outras pessoas, que vão tomando consciência de quem são, possam ser respeitadas. Por fim, também acredito na paixão pela arte, pelo teatro como forma pedagógica de ensinar e acredito muito em professores(as) apaixonados(as), até porque, olhe onde estamos: conversando mais uma vez sobre nossas paixões e suas consequências dentro do espaço escolar. A arte, o teatro, as pessoas dissidentes causam dessorsego. Que bom!

Com carinho,

Túlio.

Considerações finais

Nesse diálogo epistolar com um outro professor LGBTQIA+ refleti sobre essa figura – de um professor-viado – à frente do processo de ensino de teatro na *escola desescolarizada*, o que nos fez pensar sobre algumas questões. Encerro esse texto mobilizado por outros questionamentos que surgiram desde a finalização do TCC e que abrem espaço para serem aprofundados.

Os Estudos Queer sugerem uma outra perspectiva epistemológica, que entende a cisheteronormatividade como um regime de poder que molda nossa sociedade e suas relações. Por isso, como podemos pensar propostas de ensino e aprendizagem em teatro que confrontam a normalidade, que questionam as relações de poder? Quais seriam os conteúdos não normativos do ensino de

teatro que elencamos essenciais para estarem na escola? Como a concepção de currículo queer, apontada por Guacira Louro (2001), está ganhando espaço na aula de teatro na escola e no trabalho dos(as) professores(as) de Arte?

Um currículo queer, conforme a autora, seria aquele que possui um caráter inconcluso e incompleto, com uma pedagogia que sugere questionar e desnaturalizar padrões, desconstruindo a ideia de sujeitos normalizados e outros marginalizados, que joga com a incerteza e a própria desestabilização do sujeito. Nesse viés, faz sentido pensar o ensino de teatro na escola como uma forma de *hackear a escola desescolarizada* contemporânea, procurando estratégias conscientes de fissurar um currículo cisheteronormativo que preconiza padrões de uma sociedade racista, LGBTfóbica e heteronormativa? Serão os(as) professores(as) de teatro LGBTQIA+ capazes de tensionar o sistema da *escola desescolarizada*?

Seguimos.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alicia; AMAVISCA, Luis. **Viva as unhas coloridas!** Ilustrações de Gusti. Tradução Livia Deorsola. Ubatuba: Livros da Raposa Vermelha, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 59. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2019.

LARROSA, Jorge (org.). **Elogio da escola.** Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen; CUBAS, Caroline. **Elogio do professor.** Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê:** sobre o ofício de professor. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, ano 9, p. 541-553, 2º Semestre 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/64NPxWpgVkt9BXvLXvTvHMr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso: 19 set. 2022.

MARQUES, L. J.; CONCILIO, V.; SILVEIRA, T. F.; MACHADO, F. O Teatro entre as grades do patriarcado: privação de liberdade e de experiências em uma prática no regime socioeducativo. **Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 3, n. 39, p. 1-22, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/18833>. Acesso em: 11 jun. 2022.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola:** uma questão pública. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. Experiências escolares: uma tentativa de encontrar uma voz pedagógica. In: LARROSA, Jorge (org.). **Elogio da escola.** Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 41-63.

MATTAR, Sumaya. O ato cartográfico na docência da arte: instaurando estados criativos de experimentação. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26o, 2017, Campinas. **Anais do 26º Encontro da Anpap.** Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, p. 3277-3291, 2017.

RANCIERE, J. **The Ignorant Schoolmaster:** Five Lessons in Intellectual Emancipation. Stanford: Stanford University Press, 1991.

SILVEIRA, T. F. Em combate a LGBTfobia: um processo de teatro-fórum conduzido por Marcia Pompeo. **Revista NUPEART**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 75-101, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/17538>. Acesso em: 11 jun. 2022.

SILVEIRA, Túlio Fernandes; VIDOR, Heloíse Baurich. **O professor-viado em sala de aula: cartas sobre o ofício de professor(a) de teatro na escola.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41706>>

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

VIDARTE, Paco. **Ética bixa**: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ. São Paulo: N-1 edições, 2019.

pós:

SILVEIRA, Túlio Fernandes; VIDOR, Heloíse Baurich. **O professor-viado em sala de aula: cartas sobre o ofício de professor(a) de teatro na escola.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41706>>

244

NOTAS

- 1 O TCC foi defendido em julho de 2022 e foi orientado pela Profa. Dra. Heloíse Baurich Vidor, coautora deste texto.
- 2 Em 2018, no governo de Jair Bolsonaro, eclodiu um negacionismo histórico no contexto político-social brasileiro. Durante a pandemia da COVID-19, fatos como a descrença na vacinação, o crescimento de ideais fascistas, a distribuição de *fake news*, além da negação ao pensamento do educador brasileiro Paulo Freire, se tornaram recorrentes. Na Educação, a figura do(a) professor(a) foi ainda mais desacreditada, como podemos perceber com a lei complementar de 2021 de Santa Catarina que previa o *homeschooling*, no qual anulava o papel do(a) professor(a). No ano de 2023 ela foi considerada inconstitucional pelo Tribunal de Justiça.
- 3 Este foi o codinome escolhido para representar o professor com quem troquei cartas nesse diálogo epistolar. Utilizo as letras maiúsculas para designar esse professor especificamente e o hífen para reforçar o codinome escolhido e uma condição sua que me identifico. Viado é um termo na maioria das vezes utilizado de forma pejorativa em situações de LGBTfobia, mas que aqui é utilizado de forma ressignificada, para exaltar nossa vivência bixa.
- 4 Ao todo o TCC contou com três diálogos epistolares. Cada diálogo trazia um conjunto de três cartas: uma *Carta Destinada*, uma *Carta Recebida* e uma *Carta Aberta*; totalizando nove cartas.
- 5 A sigla representa a comunidade LGBTQIA+ e é utilizada para retratar, respectivamente, pessoas que se identificam como Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, Queers, Intersexuais, Assexuadas e Aliadas. Todas as demais possibilidades de orientações sexuais e/ou identidades de gênero são representadas pelo símbolo "+".
- 6 Gláucia Costa em seu artigo no livro *Elogio do Professor* (2021) chama a pergunta de dispositivo ao perceber que ela é capaz de abrir espaço para tantos outros questionamentos.
- 7 Utilizo a letra "X" para tarjar o nome do professor que escreveu a carta, preservando sua identidade, o que acontece também em outras partes da escrita com nomes de terceiros.
- 8 Neste trecho me refiro aos jogos teatrais sistematizados por Viola Spolin (2015), especificamente na parte em que a autora fala sobre a fisicalização na improvisação teatral. Ela faz uma contraposição entre o representar e o contar; apontando que no contexto da aprendizagem dos jogos deve-se mostrar, tornar visível o que se cria.
- 9 Como evidenciado na carta, na ocasião das aulas, o professor passava por um quadro de saúde delicado.
- 10 Este foi o livro que propus para leitura e estímulo da escrita do Professor-Viado. O livro é descrito na *Carta Aberta* que está presente mais à frente no texto.
- 11 Refiro-me a um grupo de pesquisa da universidade sobre práticas de ensino de teatro em prisões.
- 12 Os acontecimentos sobre essa questão são descritos e analisados no artigo publicado na Revista Urdimento. Link para acesso: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/18833>.
- 13 Carta redigida pelo professor em questão. Os direitos autorais foram cedidos por ele para a pesquisa do meu TCC, com autorização de publicação total.
- 14 O professor se refere ao curso de graduação em Engenharia Química que eu cursava anteriormente à entrada na graduação em Licenciatura em Teatro.
- 15 O professor se refere ao exercício cênico realizado na disciplina de *Metodologia do Ensino de Teatro III (Comunidade)* ministrada pelas professoras Márcia Pompeo e Heloisa Marina no ano de 2019. Na ocasião, criamos uma cena de Teatro-Fórum com a temática da LGBTfobia no âmbito familiar e, posteriormente, fizemos uma apresentação pública. Nesse mesmo ano, a professora Márcia lutava contra um câncer. A tensão familiar que ele menciona é de que, nesta época, minha mãe tinha dificuldade em aceitar minha homossexualidade de forma íntegra. O processo teatral foi descrito e analisado em um artigo publicado na Revista Nupeart; uma forma de homenagear a professora que "voou" alguns dias após a finalização do semestre. Link para acesso: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/18833>.
- 16 O professor se refere à viagens que fiz para Loja no Equador, em que pude vivenciar e participar do Festival Internacional de Artes Vivas de Loja de 2018.
- 17 Utilizo aqui a letra "X" para tarjar e ocultar os nomes de orientandos desse professor que também se interessaram pelas discussões sobre o professor LGBTQIA+.
- 18 O professor se refere ao livro de Vidarte (2019), em que o autor manifesta sua visão sobre as sexualidades e identidades dissidentes na conjuntura política contemporânea.

NOTAS

- 19 Ele se refere a Maria Lúcia Pupo e a Ingrid Dormien Koudela, professoras de teatro e pesquisadoras da área da Pedagogia das Artes Cênicas, ambas muito renomadas por suas trajetórias de pesquisa e trabalho docente.
- 20 Jorge Spínola é professor e diretor teatral, foi coordenador do projeto Teatro nas Prisões da Fundação Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel de Amparo ao Preso (FUNAP), do qual o Professor-Viado participou.
- 21 O Programa Vocacional da cidade de São Paulo, iniciativa das secretarias de cultura e educação do município, condensa o trabalho de artistas que atuam em espaços públicos da capital.
- 22 Essa noção de ensino de teatro parte da encenação contemporânea como processo artístico pedagógico em ambientes educacionais junto aos(as) envolvidos(as), o que resulta em uma obra ou fragmento cênico que é compartilhado aos espectadores.
- 23 Na universidade em questão, a área de Teatro na Educação é dividida em duas vertentes: o Teatro na Escola e o Teatro na Comunidade.
- 24 Refiro-me ao governo de Jair Bolsonaro entre 2018 e 2022, em que os discursos e violências contra pessoas LGBTQIA+ se tornaram mais fortes.
- 25 Refiro-me ao sentido de *tempo livre*, de formação de si na escola (MASSCHELEIN; SIMONS, 2021).
- 26 Utilizo alguns termos em itálico, além da menção de títulos e termos estrangeiros, para evidenciar conceitos importantes da pesquisa aqui realizada, principalmente conceitos referentes aos autores Masschelein e Simons (2021).
- 27 MASSCHELEIN; SIMONS, 2021, p. 29. Ênfase que, por uma questão de estilo, coloco as citações diretas em nota de rodapé para que a leitura das cartas seja feita de uma forma mais dinâmica.
- 28 MASSCHELEIN; SIMONS, 2021, p. 26.
- 29 MASSCHELEIN; SIMONS, 2021, p. 26.
- 30 FREIRE, 2019, p. 17.
- 31 MASSCHELEIN; SIMONS, 2021, p. 85.
- 32 A expressão de gênero pode ser considerada como a forma que a pessoa manifesta socialmente a identidade de gênero; pode ser materializada pela identificação nominal, as roupas, o cabelo, como expressa o corpo etc. Por isso ela não indica impreterivelmente o gênero ou a orientação sexual.
- 33 Utilizo essa nomenclatura em letras minúsculas para designar às figuras do professor em questão, minha e de outras tantas bixas professoras. Reforço que, por questão de maior abrangência da comunidade, essa noção abre campo de reflexão para os(as) demais professores(as) que se identificam como LGBTQIA+, desviantes da cisheteronormatividade. Por isso utilizo na escrita a nomenclatura professor LGBTQIA+.
- 34 O termo cisgênero designa as pessoas cuja identidade de gênero corresponde ao gênero que lhe foi atribuído ao nascer.
- 35 Para saber mais, acessar o artigo na Revista Urdimento:
<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/18833>.
- 36 LOURO, 2003, p. 81.
- 37 LOURO, 2003, p. 76.
- 38 Termo criado pela extrema direita, sem fundo científico algum, para ir contra toda e qualquer discussão de gênero e sexualidade. A classe conservadora busca criar uma falsa interpretação da realidade e incentivar o desprezo às pessoas LGBTQIA+ e suas vivências.
- 39 Refiro-me à disseminação caluniosa que ocorreu no período eleitoral de 2018 por parte da extrema direita quando afirmaram que um livro infantil sobre o aparelho sexual incentivava crianças ao ato sexual. Segundo essas pessoas, esse "kit gay" era um objeto que supostamente incentivava as crianças a se tornarem gays.
- 40 MASSCHELEIN; SIMONS, 2021, p. 10, grifo dos autores.
- 41 Os(as) estudantes foram convidados(as) a pensar um espaço alternativo da cidade, as ações realizadas, os atuantes etc. O exercício não era propriamente realizar a performance, mas imaginá-la. Essa foi uma estratégia que utilizei, já que estávamos vivenciando o distanciamento social por conta da pandemia da COVID-19.
- 42 MASSCHELEIN; SIMONS, 2017, p. 58.
- 43 MASSCHELEIN; SIMONS, 2017, p. 57-58.